

Perfil do artista



Goiandira do Couto, a dama de areia

Raquel Miranda

Doutora em História pela UFG e professora da UEG

Goiandira do Ayres do Couto (1915-2011), nascida aos 12 dias do mês de setembro de 1915, era natural de Catalão, segunda filha do casal Maria Ayres do Couto e Luiz Ramos de Oliveira Couto, um homem que desempenhou importantes papéis no governo estadual durante a Primeira República, período em que a Cidade de Goiás era capital do Estado. Aos seis anos de idade, mudou-se, juntamente com sua família, para a Cidade de Goiás, em 1921, lugar onde construiu sua vida artística e pública vindo a falecer no ano de 2011. A trajetória desta renomada artista plástica goiana se estabeleceu por estreitos laços entre o público e o privado, o passado e o presente e, finalmente, ela mesma e a Cidade de Goiás. Foi através deste lugar plural que a artista manifestou suas individualidades no espaço público as quais se tornaram, com tempo, objetos próprios da cultura e das tradições locais.

Coincidentemente, a visibilidade de Goiandira do Couto no campo artístico se deu em um contexto de rupturas políticas e culturais as quais impactaram a vida urbana da Cidade de Goiás devido à perda do *status* de capital do Estado. Neste arcabouço de incertezas notamos que a artista, assentada sobre diferentes pilares, visto que, a família, fundamento de sua ampla inserção social e cultural na cidade, estruturou o percurso de uma longa e paradoxal trajetória de vida intrincada à “valorização” da cidade que a consagrou, subjetivamente, considerada como um lugar que “possui muita cultura (...), muita história, e que faz parte da minha vida¹”. Assim, Goiandira do Couto elegeu a Cidade de Goiás como seu *locus* preferido, dela, jamais saiu para viver, buscar ou complementar sua formação intelectual e artística. Iniciou seus estudos formais no princípio da década de 1920, simultâneas às primeiras noções de arte apresentadas, em casa, pela mãe. Finalizou o ensino secundário em meados dos anos de 1930, auge das tensões político-culturais no estado de

¹ COUTO, Goiandira Ayres do. Entrevista: O tecido do tempo (p. 208). In: BRITTO, Clovis Carvalho (Org). *Luzes e Trevas: Estudos sobre a Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

Goiás, protagonizando práticas individuais supostamente alinhadas às tentativas de preservação do espaço cultural vilaboense.

Em plena adolescência, 14 anos de idade, Goiandira ingressou na Escola Complementar, curso com duração de dois anos, o qual tinha a finalidade de preparar os alunos provenientes dos grupos escolares para admissão na Escola Normal Oficial de Goiás (BRETAS, 1991, p. 518). Os vínculos de Goiandira do Couto com as instituições escolares da Cidade de Goiás ajustaram-se às representações do pilar da família tradicionalmente historicizada à vida pública desta *urbe*. Sua desenvoltura cultural, inerente à educação elitista recebida no espaço privado, se notabilizou nos espaços formais de educação por onde ela passou. Em 1931, Goiandira do Couto havia começado seus estudos na Escola Normal Oficial de Goiás e, vinculada a esta instituição, ela participou da primeira amostra pedagógica de desenhos e trabalhos manuais desenvolvidos ao longo daquele ano letivo, no qual recebeu sua primeira premiação.

Reconhecida pela crítica como autodidata, em 1933, aos 16 anos de idade, Goiandira do Couto participava da primeira exposição coletiva de arte, organizada pela Escola Normal, com a obra *Lírios* (1933), em óleo sobre vidro (COELHO, 2008, p. 26). Esse evento, sem dúvidas, oficializou seu ingresso na vida pública e na carreira artística. O “dom” artístico impressionou a comunidade local conduzindo-a ao reconhecimento público, porém, ainda, restrito aos domínios da Serra Dourada.

Nos anos de 1940, passou a pintar em óleo sobre tela a paisagem urbana da Cidade de Goiás. Nesta ocasião, juntamente com Octo Marques (1915-1988), se firmaram no meio artístico com um estilo pictórico genuinamente local, a “vertente preservacionista”. A aparição da arte moderna no Estado de Goiás pode ser considerada mais uma influência exógena que cruzou o mundo cultural vilaboense, mas sem impactar significativamente a arte/cultura local. no currículo artístico de Goiandira do Couto, ela e Octo Marques participaram da “*II Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura da Sociedade Pró-Arte de Goiás*”, em 1946. Esse evento trata-se da primeira exibição pública da artista fora dos limites da Cidade de Goiás. Em 1947, fiel a “vertente preservacionista”, Goiandira do Couto, Octo Marques, José Edilberto da Veiga, Regina Lacerda entre outros artistas criaram um movimento/evento artístico independente e endógeno, intitulado *I Salão de Pintura dos*

Amadores Vilaboenses, com o objetivo de fortalecer a cultura vilaboense e suas particularidades artísticas. A estética “preservacionista” zelou pela aparência bucólica e romântica da antiga capital do Estado de Goiás e consolidou nesta vertente, especialmente, Goiandira do Couto e Octo Marques, principais mentores dos artistas plásticos vilaboenses da *nova* geração.

A década de 1960 foi paradigmática na vida de Goiandira do Couto. Ela se dividia entre os papéis de moradora, professora da rede pública estadual, produtora cultural e artista plástica. Em 1965 fundou com um grupo de jovens locais a OVAT – Organização Vilaboense de Artes e Tradições – entidade que encabeçou o desenvolvimento turístico e cultural da Cidade de Goiás, especialmente, por recolocar no seu calendário religioso e cultural a manifestação paralitúrgica conhecida como Procissão do Fogaréu. Coube a Goiandira do Couto a criação dos figurinos desta representação que evoca a perseguição ao Cristo, à meia noite de quinta-feira, nos festejos da Semana Santa. A primeira aparição desta remontagem sacra local se deu no ano de 1966 e tornou-se um evento artístico-religioso nacional e internacionalmente conhecido.

Nas artes, a carreira de Goiandira do Couto projetou-se internacionalmente nesta mesma década. Convém destacar que anos de 1933 a 1967 são considerados sua primeira fase artística em óleo sobre tela. Ao final dos anos de 1967, Goiandira do Couto vivenciou uma experiência pessoal e mística que determinou os *novos* rumos de sua carreira artística e vida pública. A técnica da pintura com areia multicolorida da Serra Dourada marcou sua segunda fase artística, compreendida entre 1967 a 2005, atraiu inúmeros turistas para a Cidade de Goiás para ver os quadros pintados pela *Musa das Areias* que os recebia com o seguinte discurso retórico:

A técnica com areia foi uma coisa interessante. Foi diferente. Tudo é diferente (risos). Goiás foi descoberto em 1722. Todo mundo naquela época até hoje ia na Serra Dourada e ninguém viu areia lá. Primeiro eu fui à Serra. Uma vez, eu fui com uma turma de moça. Estávamos andando... Quando eu olho, vejo uma pedra verde (gestos mostrando o tamanho da pedra) no chão, linda. O sol batia nela assim (gestos). Todo mundo olhou para ela. Parecia aqueles piriquitim, tudo cantando, eu pego, outro pega, outro puxava, deixa eu pego, deixa eu pegar e tudo. Pegou a pedra verde e olhou. Caminhamos mais um pouco. Quando eu olhei, achei uma amarela e outra cor-de-rosa, três cores. Meu Deus!!! Que coisa bela! Achei 21 tons. Eu

trouxe. Depois voltei de novo lá, procurei, fiquei 5 anos com aquela coleção feita. Só aqueles vidrinhos e pus lá e mostrava pra todo mundo. O padre veio, olhou, pediu se podia fazer igual. Falei que sim. Foi lá e procurou também. Fez coleção. Um dia, há 5 anos, eu era professora. Esse dia não tinha aula. Eu não quis levantar. Era muito cedo. Fiquei deitada. Então uma voz me falou do lado direito: “faça uma casa com areia”. Eu levei aquele susto. Olhei! Não vi ninguém. Aí pedi o espírito de meu pai, da minha mãe que me iluminasse. Pedi a Deus, a Jesus, pra me dar uma intuição do que era aquilo. Eu ouvi perfeitamente a voz determinando que fizesse a casa com areia. Então, eu puxei a colcha ao pescoço e falei: “vou rezar o pai nosso”. Fui acabando de rezar o pai nosso e pensei: “eu sou pintora, desde menininha eu pinto, eu sou pintora, tenho areia de todas as cores, aqueles vidrinhos, quem sabe é pra eu fazer um quadro com areia como se fosse tinta a óleo de sombra”. Pedi a Jesus pra me dar a intuição e ele me deu. Aí eu levantei depressa, varri a casa, fiz café, peguei um pedaço de tela, olhei aquilo na parede, risquei, abri aqueles vidrinhos. Vi a cor que eu queria. Abri, passei cola e jogava assim ó (gestos rápidos). A minha técnica nasceu na manhã de 18 dezembro de 1967 (COUTO apud LUZ, 2007, p. 03).

Goiandira do Couto tornou-se, desde então, um dos símbolos portadores e transmissores de memórias aos visitantes curiosos para conhecer a afamada artista que misteriosamente fora incumbida de pintar uma casa com areia. Inicialmente, a artista plástica pintou duas telas que, no ano de 1968, receberam as primeiras críticas vindas da artista plástica Maria Guilhermina Fernandes, pioneira no mercado das artes em Goiás. A *marchand* solicitou que Goiandira do Couto pintasse um série de vinte um quadros, pois organizaria a primeira exposição individual da artista, na Galeria Azul, em Goiânia, ainda naquele mesmo ano. Durante a exposição, a recepção do público foi imediata. Todos os quadros foram vendidos no primeiro dia do evento, dentre inúmeras encomendas.

A partir de então, suas obras circularam por diversas regiões do Brasil e pela Europa Ocidental e Oriental, Ásia, América Central, Israel e Estados Unidos. As exposições de arte se tornaram parte da trajetória artística de Goiandira do Couto que, mesmo vivenciando experiências culturais e artísticas, em âmbito nacional e internacional, jamais se mudou da Cidade de Goiás, lugar onde ela consolidou suas tradições herdadas e “(re)inventadas”.



1. CROQUIS PARA A “(RE)INVENÇÃO” DA PROCISSÃO DO FOGAREU, 1967.



Maria Madalena, 1967.



Heú, 1967.

Lápis de cor aquarelado sobre papel sulfite dimensões A4.
Fonte: Wolney Unes, 2008.



Isaac, 1967.

Lápis de cor aquarelado sobre papel sulfite dimensões A4.

Fonte: Wolney Unes, 2008.



Abraão, 1967



Farricoco, 1967.

Lápis de cor aquarelado sobre papel sulfite dimensões A4.

Fonte: Wolney Unes, 2008.

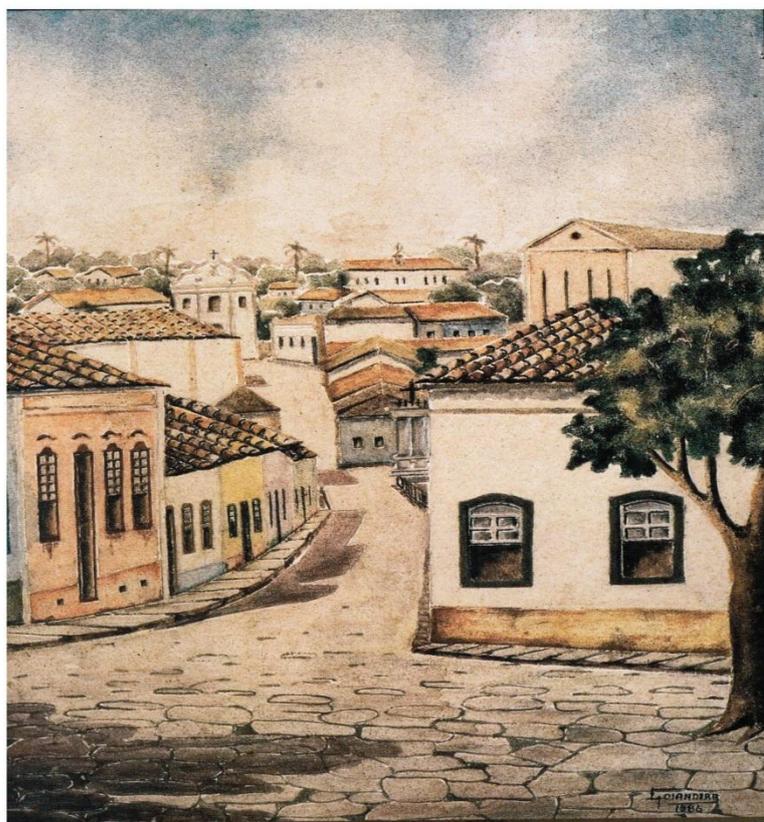


Nicodemos, 1967.

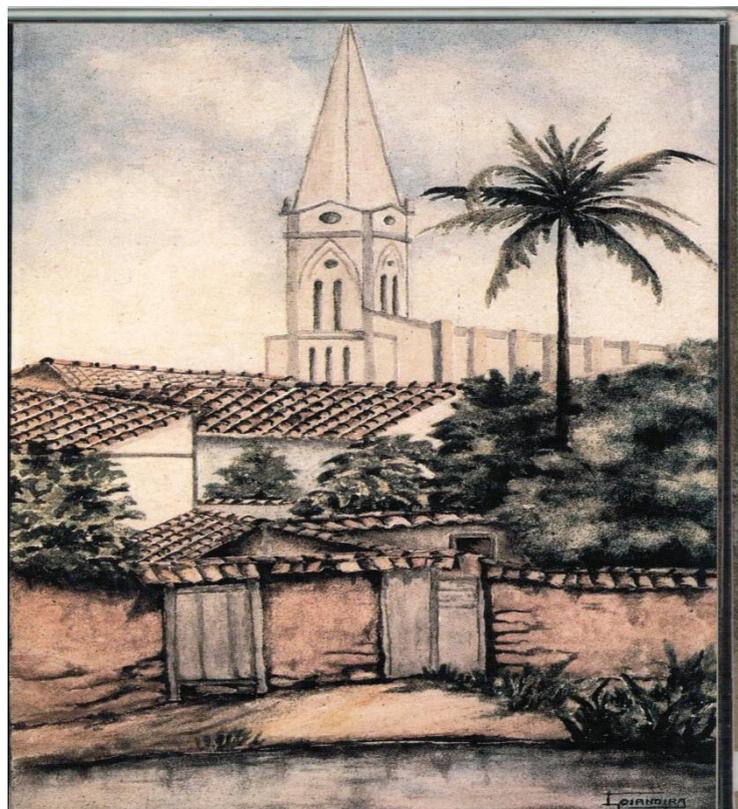
2 - AREIA SOBRE FIBRA DE MADEIRA



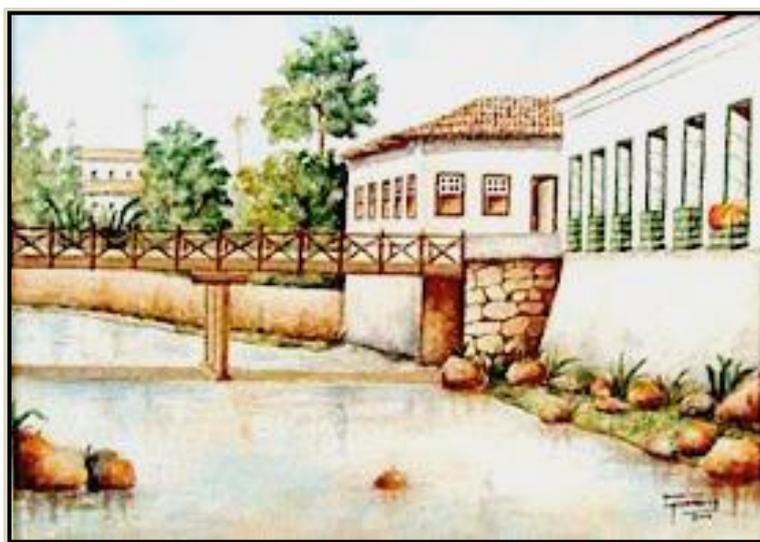
Largo do Rosário - Vista da Cidade, Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira, (141 x 93 cm), 1976.
Fonte: Taís Helena Marchado Ferreira, 2011.



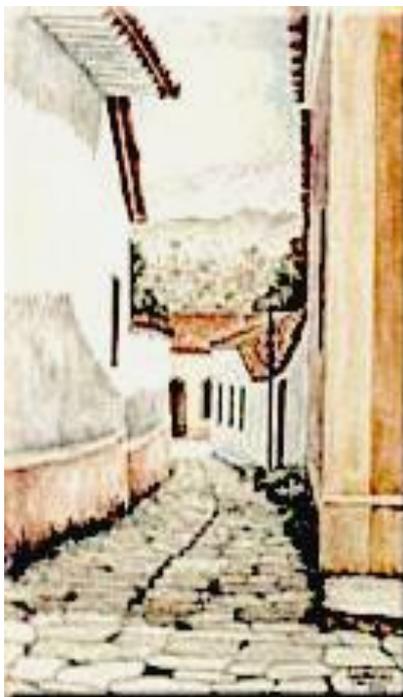
Largo do Rosário, Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira, (44 x 59), 1986.
Fonte: Wolney Unes, 2008.



Portões com Torre da Igreja, (1989), Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira, (33 x 57) 1989. Fonte: Wolney Unes, 2008.



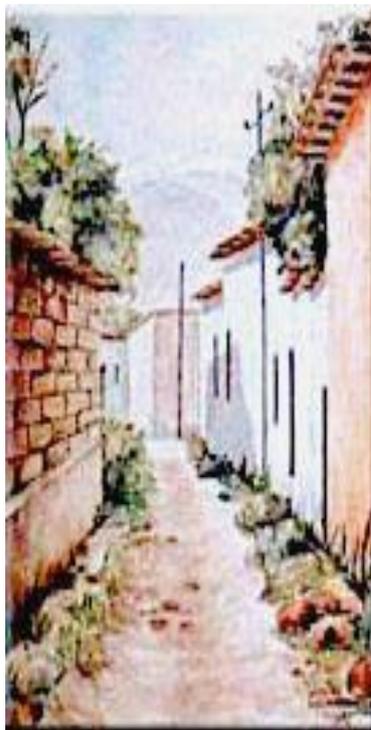
Casa de Cora Coralina. Goiandira do Couto (52 x 36), 2004.
Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011



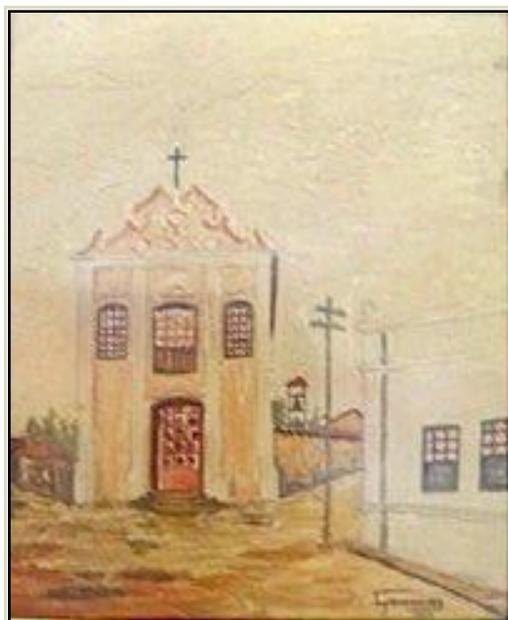
Beco da Rua 13 de Maio, Goiandira do Couto (35X55), areia sobre fibra de madeira, 1982. Fonte: Taís Helena Machado, 2011.



Beco do Cotovelo, Goiandira do Couto (40x53), areia sobre fibra de madeira, 1987. Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011.



Beco do Ouro Fino, Goiandira do Couto (34x45), areia sobre fibra de madeira, 1978. Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011.



Igreja Nossa Senhora da Boa Morte, Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira, (30 x 22) 1967.
(Primeiro quadro da segunda fase artística).
Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011.



Museu das Bandeiras, Goiandira do Couto, (52x36), areia sobre fibra de madeira, 1976.
Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 201



Rosas, Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira, (36x56), 1986.
Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011.



Chafariz, Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira (42x34), 1978. Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011

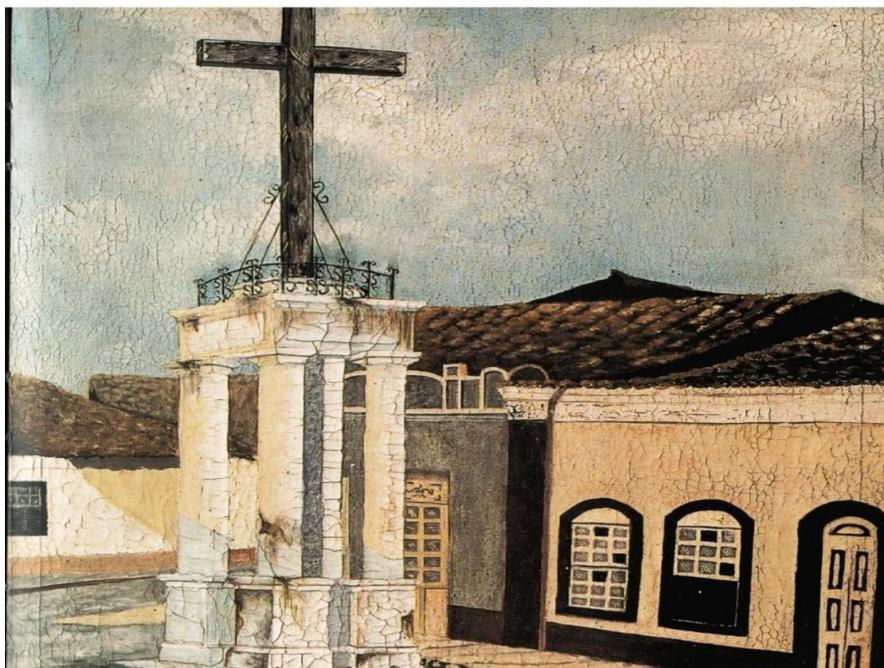


Chafariz e Museu da Bandeiras, Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira (60x40), 1983. Fonte: Taís Helena Machado Ferreira, 2011.



Detalhe da assinatura da artista nas telas em areia sobre fibra de madeira.

3. ÓLEO SOBRE TELA



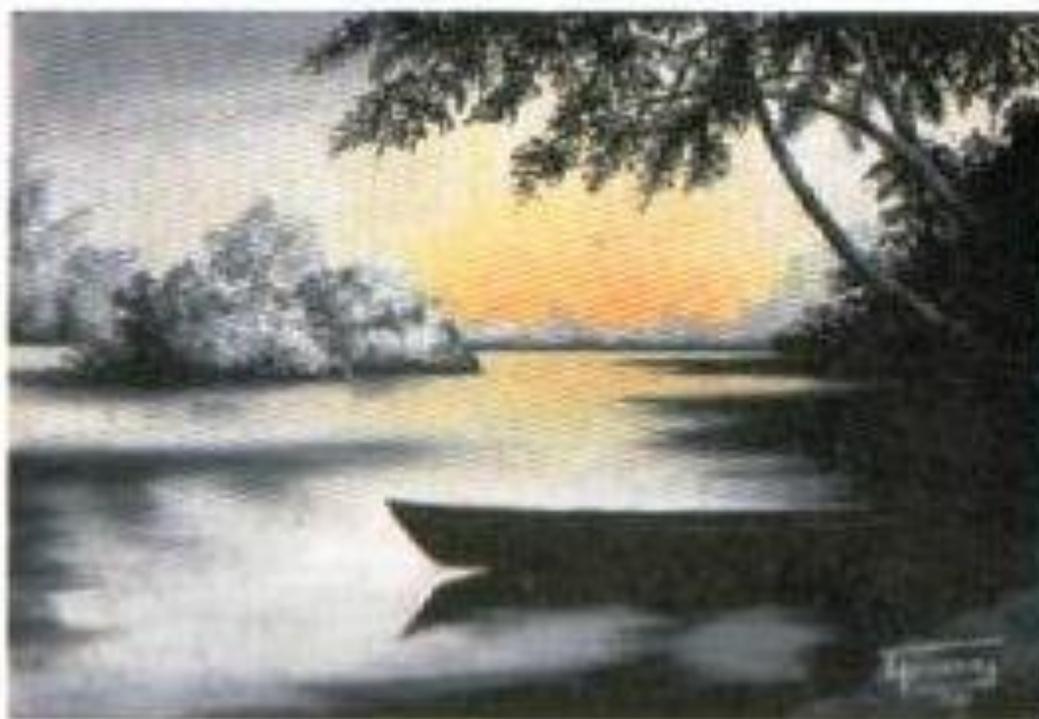
Cruz do Anhanguera, Goiandira do Couto, óleo sobre tela, (37 x 37) 1947.
Fonte: Wolney Unes, 2008.



Casinha de Adelaide, óleo sobre tela, (35x50), 1947.
Fonte: Taís Helena Machado, 2011.



Flamboyants, Goiandira do Couto, óleo sobre tela, (35x45), 1962.
Fonte: Wolney Unes, 2008.



Pôr-do-Sol no Araguaia, Goiandira do Couto, Óleo sobre tela (47x69), 1961.
Fonte: Tais Helena Machado Ferreira, 2011.



Lírios Roxos, óleo sobre garrafa de vidro,
Goiandira do Couto, 1933.

Fonte: Taís Helena Machado Ferreira,
2011.

Trata-se da obra que introduziu
Goiandira do Couto na carreira artística.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRETAS, Genesco Ferreira. *História da Instrução Pública em Goiás*. Goiânia: CEGRAF /UFG, 1991.

BRITTO, Clovis Carvalho (Org). *Luzes e Trevas: Estudos sobre a Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

COELHO, Agnaldo. Arte e técnica de Goiandira do Couto. In: UNES, Wolney (Org.). *Goiandira: arte e areia*. Goiânia: ICBC, 2008.

FEREIRA, Tais Helena Machado. *A Cidade de Goiás e as areias coloridas na trajetória de Goiandira Ayres do Couto*. 2011. 230f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

LUZ, Renata Moraes da. *Entrevista: Entre cultura e linguagem: entrevista com Goiandira do Couto, 2006*. TEMPORIS (ação) Revista Eletrônica da Unidade Universitária “Cora Coralina”. Vol. 1, nº9, 2007, p.261-264. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/issue/view/2>>. Acesso em: 10 jun. 2015

UNES, Wolney (Org.). *Goiandira: arte e areia*. Goiânia: ICBC, 2008.

